

PKS

PUBLIC
KNOWLEDGE
PROJECT

REVISTA DE
GEOGRAFIA

Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFPE

OJS

OPEN
JOURNAL
SYSTEMS

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistageografia>

GEOGRAFIA LIBERTÁRIA: DAS BASES TEÓRICO- CONCEITUAIS AO DEBATE ATUAL

Crislane Palma da Silva Rosa¹, Jamila Reis Gomes²

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia na Universidade Federal da Bahia. Licenciada e Bacharel em Geografia pela mesma Universidade, E-mail: crislanepsr@gmail.com; <http://orcid.org/0000-0003-0707-4283>

² Mestranda no programa de pós-graduação da UFBA em Geografia, E-mail: jamilareisgomes@gmail.com; <http://orcid.org/0000-0003-4287-2600>

Artigo recebido em 09/07/2020 e aceito em 18/11/2020

RESUMO

O presente trabalho apresenta reflexões referentes às ideias anarquistas e libertárias no contexto do final do século XIX e no início do século XX, tendo como pilares os geógrafos Élisée Reclus e Piotr Kropotkin. Nesse ínterim, além de discorrermos sobre a vida desses autores, buscamos elementos das suas obras a fim de analisá-las, e algumas manifestações expressas em muros que são desenvolvidas no espaço urbano e trazem, em seu bojo, elementos de caráter anarquistas e libertários. As contribuições destes autores continuam a nos inspirar no sentido de apresentar uma crítica contundente à sociedade estabelecida e enunciações para a construção de outra sociedade baseada em valores de solidariedade, organização das(os) trabalhadoras(os), liberdade e ajuda mútua.

Palavras-chave: Geografia Libertária; Élisée Reclus; Piotr Kropotkin

LIBERTARIAN GEOGRAPHY: FROM THE THEORETICAL- CONCEPTUAL BASES TO THE CURRENT DEBATE

ABSTRACT

The present work presents reflections on anarchist and libertarian ideas in the context of the late 19th and early 20th centuries, with the geographers Élisée Reclus and Piotr Kropotkin as pillars. In the meantime, in addition to discussing the lives of these authors, we seek elements of their works in order to analyze them, and some manifestations expressed in walls that are developed in the urban space and bring, in their core, elements of anarchist and libertarian character. The contributions of these authors continue to inspire us in the sense of presenting a strong criticism to the established society and statements for the construction of another society based on values of solidarity, organization of the workers, freedom and mutual help

Keywords: Libertarian Geography; Élisée Reclus; Piotr Kropotkin

GEOGRAFÍA LIBERTARIA: DE LAS BASES TEÓRICO- CONCEPTUALES AL DEBATE ACTUAL

CURRÍCULUM

El presente trabajo presenta reflexiones sobre las ideas anarquistas y libertarias en el contexto de finales del siglo XIX y principios del XX, con los geógrafos Élisée Reclus y Piotr Kropotkin como pilares. Mientras tanto, además de discutir la vida de estos autores, buscamos elementos de sus obras para analizarlos, y algunas manifestaciones expresadas en muros que se desarrollan en el espacio urbano y traen, en su núcleo, elementos de carácter anarquista y libertario. Los aportes de estos autores continúan inspirándonos en el sentido de presentar una fuerte crítica a la sociedad establecida y declaraciones para la construcción de otra sociedad basada en valores de solidaridad, organización de los trabajadores, libertad y ayuda mutua.

Palabra claves: Geografía Libertaria; Élisée Reclus; Piotr Kropotkin

INTRODUÇÃO

A Geografia é uma ciência abrangente, tanto em suas temáticas específicas, quanto no que concerne às correntes de pensamento filosófico-conceituais que a influenciaram ao longo da história, o que pode ser pensado sobretudo pela ótica do contexto histórico e social na qual está inserida. Desde a sua origem, várias epistemologias foram bases para esta ciência, que envolviam tanto os interesses estatais, quanto as que iam em seu sentido oposto, mas sempre pautando a questão espacial como o (ou um) centro da análise. A Geografia Libertária é uma corrente pouco visibilizada, o que gera algumas incompreensões no que se refere às contribuições dos geógrafos libertários para esta ciência, tanto no passado quanto no presente, e o sub-aproveitamento de contribuições que são bastante interessantes para pensar, entre outras coisas, a produção do espaço urbano na atualidade.

É importante ressaltar que a Geografia Libertária começa a se desenvolver no século XIX com o entusiasmo dos anarquistas Èlisée Reclus (1830-1905) e Piotr Kropotkin (1842-1921), mas que esta vertente não se esgota ao anarquismo. Ela é composta, em termos gerais, pelo anarquismo clássico – que se fundamenta no “mutualismo” de Pierre-Joseph Proudhon, Mikhail Bakunin, entre outros autores, mas que buscam suas inspirações teóricas-metodológicas nos clássicos anarquistas abordando a tradição do anarquismo clássico na atualidade e pelo autonomismo – que traz críticas ao anarquismo clássico em alguns aspectos, baseando-se principalmente nas teorias desenvolvidas por Cornelius Castoriadis.

Contudo, alguns princípios são comuns a todas as “subcorrentes”, e, de algum modo, dialogam com as propostas do próprio anarquismo, como os conceitos de horizontalidade, ajuda ou apoio mútuo, autogestão e solidariedade. São setores anticapitalistas, antiestatistas, críticos ao marxismo, ao autoritarismo e ao imperialismo. Além disso, propõem uma mudança radical na teoria e na prática. Para estes geógrafos a ciência vai muito além do que se propõe na universidade, sobretudo para os anarquistas clássicos, que foram pioneiros nessa perspectiva – Reclus e Kropotkin.

É importante também considerar que, embora o pensamento libertário se construa a partir da crítica à sociedade, ele se difere da perspectiva marxista – que fundamenta a Geografia Crítica – e, em muitos momentos, até se contrapõe a ela. Se por um lado, a busca por uma sociedade igualitária e pelo fim das classes sociais é comum a ambas, o caminho que se trilha para a chegada de um comunismo é bastante diferente. Para o marxismo ortodoxo, é necessário passar antes por uma “ditadura” do proletariado, por um Estado gerido pelos(as) trabalhadores(as), que é o Estado Socialista, enquanto para os anarquistas, qualquer tipo de Estado se apresenta como um golpe aos (as)

trabalhadores(as), logo, busca-se uma revolução que se dê de modo direto, e não em etapas. Para os anarquistas, o marxismo é burocrático e autoritário, e o socialismo seria uma forma de dificultar o processo.

O movimento anarquista consolidou-se como projeto político no século XIX e aparece com maior significância durante a Revolução Francesa, porém, acompanhado de uma conotação negativa utilizada para difamar pessoas da esquerda (WOODCOCK, 2002). A palavra anarquia, tem sua origem no termo grego *árcho*, empregada para definir “governo”, e do prefixo, também grego, *an*, que significa “sem”. Os anarquistas acreditam que para haver uma sociedade sem hierarquias, o Estado precisa ser extinto. As ideias anarquistas nunca pararam de se desenvolver, na segunda metade do século XX o pensamento libertário continua presente em algumas produções geográficas, principalmente em países de línguas inglesas entre anos 1970-1980.

Apesar de não ser um movimento homogêneo, os anarquistas concordam que o ser humano possui, por natureza, todos os atributos necessários para viver em liberdade e concórdia social (COSTA, 1996). Assim, Kropotkin e Reclus veem na livre associação dos indivíduos e na solidariedade os dois princípios para o desenvolvimento social, econômico, político e geográfico, por isto são críticos a tudo que possa obstaculizar esses princípios. Estado, capital, exploração, colonialismo, imperialismo, tirania e autoritarismo são temas constantes de seus ataques (MANOLO, 2014). Para ambos, Reclus e Kropotkin, “anarquismo e geografia são uma combinação lógica” enquanto fundamento epistemológico e filosofia (DUNBAR, 1989, p.78 apud MANOLO, 2014).

O trabalho está estruturado em quatro itens que sucedem esta introdução, sendo eles: o item dois, onde falamos sobre a vida e a obra de Èlisée Reclus; o item três, com a vida e obra de Piotr Kropotkin, tendo em vista que estes autores foram pioneiros nesta corrente de pensamento na Geografia; e o item quarto, onde trazemos uma discussão sobre as manifestações nos espaços urbanos e sua relação com as teorias libertárias e as dinâmicas sociais envolvidas. Por fim, fazemos algumas considerações finais.

ÈLISÉE RECLUS: VIDA E OBRA

A compreensão do pensamento e das obras de Èlisée Reclus torna-se mais profunda se o situamos no espaço e no tempo em que ele produziu. Nascido na França em 1830, Èlisée Reclus viajou por muitos continentes ao longo da sua vida, elaborando teorias acerca dos espaços por onde

passava com uma perspectiva crítica e rica em metáforas onde relacionava fenômenos naturais a revoluções sociais. Foi um importante militante anarquista, que além de escrever a respeito do movimento, atuou politicamente na prática, levando-o à prisão e ao exílio em uma colônia francesa, distante da família e de suas produções científicas. Era um geógrafo preocupado com os problemas sociais, questionava o papel do Estado, o sistema capitalista e o progresso aos moldes como era visto pelos conservadores (ANDRADE, 1885). Para ele, a ciência era um instrumento político que não se dissociava da vida cotidiana, nela também era preciso se posicionar politicamente, se opondo ao contexto da Geografia na época, que tendia a um pensamento conservador voltado para as estratégias do Estado.

Contemporâneas às teorias de Èlisée Reclus, algumas correntes filosóficas vinham se desenvolvendo e influenciando as ciências: o positivismo, baseado no Auguste Comte; o evolucionismo, proposto por Charles Darwin; e ao marxismo, que era considerado pelos anarquistas em alguns aspectos como autoritário, tendo em vista a sua postura diante do método e da revolução social. Reclus se opunha a estas correntes de maneira bastante crítica e contundente, mas na sua obra existem resquícios das influências de todas elas, desde o método que aparece na sua análise da sociedade, bastante alinhado à dialética marxista, tendo em vista a dificuldade de produzir críticas e análises ao passo em que os processos ocorrem.

Elisèe Reclus se considerava um comunista libertário, em contraponto aos comunistas autoritários, não aceitando nem a ditadura do proletariado, nem um Estado assumido por ele, porque ao assumir o Estado, a sociedade voltaria a se burocratizar. Para ele, a solução para a sociedade era a “evolução” do indivíduo, embora ele se opusesse ao evolucionismo, como supracitado. Porém, não podemos cair no anacronismo e analisá-lo de modo simplista, visto que as críticas a esta perspectiva se desenvolveram com mais profundidade posteriormente. É importante notar que o indivíduo, para Reclus, é fundamental para a compreensão e transformação social, o que o permite criticar também a perspectiva marxista, que muitas vezes dava ênfase às estruturas sociais, ainda que em alguns momentos ele exceda a perspectiva individualista, não dando conta da dialética sociedade-indivíduo¹.

A Geografia no século XIX se caracterizava principalmente pelo método descritivo, bastante desenvolvido por Alexander von Humboldt e Carl Ritter, de quem Reclus foi aluno junto com

¹ Vale ressaltar que não era expectativa do autor se alinhar ao método materialista histórico e dialético, que vinha se difundindo na literatura marxista, sobretudo por suas ressalvas aos valores desta corrente. Contudo, em alguns momentos da sua obra é notória a influência do método. É importante também indicar que a crítica ao marxismo acerca de não enfatizar o indivíduo não raro não se atenta ao fato de que não enfatizar é diferente de desconsiderar. O mesmo ocorre em relação a subjetividade.

Friedrich Ratzel. Contudo, Reclus se diferencia destes geógrafos por não utilizar os métodos positivistas aliados às ciências naturais. Ao contrário, não se alinhou à burguesia nem ao Estado, tendo construído a Comuna de Paris, que se opunha completamente à permanência e manutenção das classes sociais quando foi preso e exilado. Na prisão, continuou produzindo e lançou sua principal obra “Grande Geografia Universal” escrita em 19 volumes entre 1875 a 1892, onde desenvolvia aspectos da Geografia Física e da Geografia Humana. Em 1893 veio ao Brasil, o que resultou na escrita do livro “Estados Unidos do Brasil”, obra pouquíssimo mencionada nos livros sobre teoria e história do pensamento geográfico.

Optamos por analisar alguns aspectos da sua obra a fim de levantarmos questões a respeito, para isso, nos baseamos em alguns textos do autor, a começar por “A Natureza da Geografia” (lançado em 1905), que é dividido em três seções, a primeira intitulada “O homem é a natureza adquirindo consciência de si própria”, onde inicia fazendo descrições dialéticas² pelo próprio título. (RECLUS, 1985, p. 38). A relação traçada é entre as forças telúricas e aos fatos humanos, considerando a ação combinada homem-natureza a partir de metáforas, por vezes, aparentam ser uma análise pouco crítica ou meramente descritiva, contudo, a forma como o autor desenvolve o seu olhar para o meio nos remete à uma análise dialética do espaço. O pensamento não está estagnado, pelo contrário, é através do movimento e da relação entre a sociedade e a natureza que o Reclus analisa o espaço.

Ele reivindica uma Geografia Histórica, pontuando que para compreendê-la, é necessário levar em consideração alguns aspectos: a) o desigual desenvolvimento dos indivíduos e sociedades dá origem a “classes inimigas”, ou seja, as classes sociais antagônicas; b) o equilíbrio rompido oscila em torno do seu eixo de repouso, o que gera constantes oscilações na história, tendo em vista que essas classes não são homogêneas, naturais, nem conformadas e; c) qualquer evolução na existência dos povos só pode ser criada pelo espaço individual, visto que, para Reclus, o indivíduo é soberano, a análise e atuação individual é necessária a qualquer transformação social. (RECLUS, 1985 p. 39-40)

Em “A ação do homem como modificador das condições naturais, dominando e transformando a natureza”, que compõe o texto “A Natureza da Geografia”, o autor trata a importância do processo de sedentarização da sociedade e a constituição da consciência na transformação do meio e no conseqüente desenvolvimento das técnicas. Para Reclus, a primeira condição para transformar completamente o meio é conhecê-lo, e à medida que a superfície vai sendo mais conhecida, a

² Por “descrições dialéticas” entendemos a forma desenvolvida nos escritos de Reclus, onde ele constrói uma narrativa sobre o espaço de modo dialético.

tendência é que haja um aprofundamento nos detalhes e na relação entre eles. Isso não nos parece uma novidade, visto que hoje nos deparamos com esta perspectiva da ciência, contudo, o momento em que ele desenvolve essa análise a torna muito mais relevante.

No século XIX ele já questionava, por exemplo, a teoria Malthusiana, afirmando que “a agricultura, outrora praticada quase ao acaso, tente cada vez mais a se tornar uma indústria científica; ela o será totalmente quando as leis da química, da física, da meteorologia e da história natural forem perfeitamente conhecidas” (RECLUS, 1985, p. 46), ou seja, a questão sobre a falta de alimentos não era a produção, mas sim a sua distribuição, o que condiz com a sua análise anarquista da sociedade. Contudo, mesmo com essas críticas, a teoria Malthusiana continuou por muito tempo desenhando as análises e pesquisas geográficas, o que demonstra o desconhecimento ou pouco interesse pelo que estava sendo desenvolvido na “contra-corrente”.

Diversas outras críticas são feitas em seu texto, tanto em relação à organização social, quanto em relação à destruição da natureza. Ao reivindicar a Geografia “única”, ele a desenvolve desta maneira nos seus escritos. Ao mesmo tempo que fala sobre aspectos da hidrografia, do solo e da vegetação, traz elementos de como o capitalismo vai se apropriando da natureza na mesma medida em que a destrói. Questiona, por exemplo, o não aproveitamento total de recursos naturais e a necessidade de invenção de materiais análogos ao natural que cumprem a função de comercialização, mas que, ao final, são desnecessários, haja vista sua disposição na natureza. Essa perspectiva crítica condiz com a corrente anarquista e com a postura política do autor, que põe em questão não só a desigualdade espacial, mas a forma como esta é um dos elementos que constituem a desigualdade social.

Outro aspecto interessante da sua obra, é que o autor distingue o trabalho feminino do masculino e caracteriza-o levando em conta as desigualdades existentes entre os gêneros ao longo da história. Se por um lado ele naturaliza a divisão do trabalho, por outro, fala sobre a importância da igualdade entre os indivíduos que perpassa a igualdade entre os sexos. Este tema, tão pouco discutido pela Geografia, já vinha sendo tratado no século XIX e nos dá elementos para pensar a importância da divisão sexual do trabalho para a Geografia e o quanto ela foi ocultada nos anos seguintes.

Ao falar da complexidade da produção do espaço geográfico, o autor traz contribuições importantes para um debate atual na Geografia, que é o papel do indivíduo. Por considera-lo fundamental na disputa entre as classes sociais, ele assinala que “o conhecimento do indivíduo perpassa conhecer sua história, não só a natureza onde vive” (RECLUS, 1985, p. 58), e para isso, é

necessário estudar tudo o que “na natureza exterior pode agir sobre os sentidos” (RECLUS, 1985, p. 57), o que na época era uma crítica às visões determinista e possibilista, mas que hoje nos faz pensar, por exemplo, na perspectiva de paisagem além do que se vê, mas sim como algo a ser percebido pelos sentidos, como propõe SANTOS (2012). Reclus retrata que

Assim como a vida do insular não é determinada unicamente pela imensidão das ondas que o cercam: é necessário considerar também o grau de latitude em que ele passa sua existência, o deslocamento anual do Sol que o ilumina, as oscilações da temperatura, a direção e o ritmo dos ventos, a ação menos conhecida mas não menos real das correntes magnéticas, com todos os seus fenômenos de declinação, inclinação e intensidade; convém também verificar, em volta do grupo social que se estuda,(...) o conjunto das paisagens que o cercam, em suma ,tudo aquilo que, na natureza exterior, pode agir sobre os sentidos. Cada um de nós é, na realidade, um resumo de tudo aquilo que viu, ouviu, viveu, de tudo aquilo que pode assimilar pelas sensações. E ainda assim esse meio primitivo, constituído pelas coisas circundantes, é apenas uma tênue parte do conjunto das influências as quais o homem está sujeito. (RECLUS, 1985, p.57)

Aparentemente a análise parece descritiva e determinista ao alegar que isso é apenas uma parte das influências às quais o homem está sujeito, ele afirma que não é possível, a partir do meio, compreender a totalidade da complexidade que é a sociedade. Durante muito tempo a justificativa da invisibilização do autor se referia à tal determinismo, mas um olhar cuidadoso sobre a obra nos permite notar o quanto sua análise vai além do que os geógrafos da época apresentavam, além de trazer uma perspectiva dialética mesmo não assumida, antes dos primórdios de uma Geografia Crítica sólida, como expõe ao explicar a relação entre o tempo e o espaço:

Ao meio espaço, caracterizado por mil fenômenos exteriores, é preciso acrescentar o meio-tempo, com suas transformações contínuas, suas repercussões sem fim. (...) A humanidade se forma e se reforma com suas alternâncias de progressos, de recuos e de estados mistos, das quais cada uma contribui diversamente para formar, modelar e remodelar a raça humana. (...) Mas nada se perde: as causas antigas, embora atenuadas, ainda agem de modo secundário, e o pesquisador pode encontra-las nas correntes ocultas do movimento contemporâneo (...) Assim, ao meio geral se decompõe em elementos inumeráveis: uns pertencem à natureza exterior, designada frequentemente como o “meio” por excelência, o ambiente propriamente dito; outros são de ordem diferente, uma vez que decorrem da própria marcha das sociedades e se produziram sucessivamente, aumentando ao infinito – por

multiplicação – a complexidade dos fenômenos ativos. (RECLUS, 1985, p. 57-58)

Durante muito tempo, a obra de Reclus foi considerada de pouco interesse científico. De acordo com Manuel Correia de Andrade (1985), existiu uma cortina de silêncio em torno da sua obra, e como ele não era professor universitário, não definia uma “corrente” para a sua Geografia, como ocorreu com Vidal de La Blache (1845 – 1918), seu contemporâneo, que estava inserido diretamente na universidade, o que dificultou a continuidade do trabalho por discípulos, por exemplo. As produções de La Blache, que envolviam sobretudo monografias regionais, tiravam o enfoque do Estado e levava para a região, sendo de grande interesse para o Estado na época, o que pode ter sido um dos elementos que deram maior relevância aos seus estudos, tornando-o um clássico da Geografia Tradicional, amplamente lido no mundo e ainda hoje considerado um dos autores da base do pensamento geográfico.

O ressurgimento do interesse pela obra de Reclus surge entre as décadas de 1960 e 1970, com os geógrafos Yves Lacoste e David Harvey, mas ainda que o debate apareça, muitas vezes ele surge como uma homenagem, ou como algo ultrapassado, sem reforçar, por exemplo, a importância destes autores para pensarmos o desenvolvimento territorial urbano. Existem diversos limites em sua obra que se explicam pela época em que se escreve e alguns anacronismos também são comuns em autores que analisam a obra, mas ele traz elementos interessantes para compreendermos a contemporaneidade, o papel do Estado e a própria história da Geografia.

PIOTR KROPOTKIN: VIDA E OBRA

Um dos expoentes geógrafos da chamada teoria anarquista clássica, Piotr Kropotkin (1842 - 1921), nasceu na Rússia, em uma família nobre, mas recusou o título de nobreza aos 12 anos de idade, abdicando da sua posição política para dedicar-se ao ideal de uma sociedade igualitária. Teve uma vida marcada por intensa militância, perseguições, exílio e prisões por defender e publicar ideias sociais que o apresentavam como revolucionário. Durante os anos de 1866 e 1872, ainda jovem, dedicou-se a expedições científicas à Sibéria, onde ficou impressionado com as colônias baseadas no sistema de cooperação e solidariedade entre os exilados, em seguida, viajou à Suíça, onde teve contato com o movimento operário, filiando-se à seção genebrina da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT). No ano de 1870, Kropotkin escreveu seu primeiro ensaio anarquista intitulado:

“*Devemos ocupar nosso tempo a examinar as ideias de uma sociedade futura?*” um panfleto que a polícia czarista usou para condenar o autor e outros anarquistas, porém hoje não se tem registros do conteúdo deste documento (MORAEAS, 2014).

Por influência de militantes da Federação do Jura Suíço, ingressou no movimento anarquista. Em 1874 estava preso na fortaleza de Pedro e Paulo por sua atividade política com o *Círculo Tchaikovsky*. Escapou das prisões russas em 1876, e passou a viver exiliado, entre a França, Suíça e Inglaterra, sempre ativo no movimento anarquista (MANOLO, 2014). A obra de Kropotkin é bastante vasta, com contribuições importantes para a Geografia e as Ciências Sociais, sustentadas pela teoria anarco-comunista, a qual idealizou. Sua proposta é a total expropriação dos bens da humanidade pois entendia não ser possível medir a contribuição de cada um no processo histórico da humanidade. Ele censurava também qualquer tipo de governo ou representatividade. Acredita-se que o ineditismo do pensamento de Kropotkin o tornou o principal responsável pela mudança da teoria anarquista, pois depois dele o anarquismo se transformou em uma “teoria séria e idealista de transformação social, e não mais uma doutrina de violência de classes e de destruição indiscriminada” (WOODCOCK, 2002, p. 214).

Por defender ideias distintas em relação aos demais intelectuais de sua época, não teve o devido reconhecimento, ficando à margem dos espaços acadêmicos e principalmente o geográfico. Portanto, revisitar as obras de Kropotkin se faz importante pelo conteúdo de crítica radical e por acreditarmos que muitos de seus ideais continuam necessários e presentes na atualidade. Nesta sessão pretendemos delinear algumas das suas premissas, sem ter a intenção de esgotá-las e sim, estimular a busca pela leitura original do autor.

Foram as experiências nas expedições científicas, no contexto que antecederam a I Guerra Mundial, que o conduziu a escrita do livro “Ajuda Mútua” publicado em 1902, em que desenvolveu as teorias de cooperação, onde a ajuda mútua emerge como elemento fundamental para a evolução das espécies, com argumentos pautados em teorias biológicas e sociais. Uma das premissas, é de que a ajuda mútua entre os seres é mais importante do que a competição para a evolução das espécies. Kropotkin se opõe à ideia de que somente a força, a habilidade, a rapidez, a cor da pele, entre outros fatores biológicos mencionados por Darwin seriam determinantes para tornar os seres mais aptos. O autor defende a necessidade de pensarmos e acrescentarmos a ideia de sociabilidade humana (mesmo que alienada) para construção de benefícios históricos.

As proposições colocadas por Charles Darwin foram utilizadas e apropriadas como forma de legitimar o imperialismo de países europeus no século XIX, a justificativa para as destruições em massa de vidas, superioridade racial e o saque dos meios de subsistência da população em geral. As ideias dos neo-darwinistas “luta pela vida”/“vontade de poder”/“sobrevivência dos mais aptos”, no livro, são contra-argumentadas, com a tese de que há um processo social e biológico de cooperação, onde a ajuda mútua é instintiva e garantiria a evolução das espécies, pois ela é responsável pela proteção e sobrevivência dos mais fracos e a sociabilidade é a maior vantagem na luta pela vida.

A sobrevivência humana, ainda que no capitalismo, está ancorada na sociabilidade, caso contrário não teríamos o conhecimento, as tecnologias e os benefícios historicamente produzidos pela humanidade. Kropotkin escreve que a solidariedade é uma qualidade inerente ao ser humano, e que nem as instituições, como o Estado, conseguiram acabar com a cooperação voluntária. Um dos méritos dessa teoria é que através de pesquisas empíricas e históricas, Kropotkin constrói uma crítica, utilizando dos mesmos instrumentos do pensamento hegemônico, que foram utilizadas para legitimar ações colonizadoras de exploração para chegar a conclusões absolutamente opostas, mas incontestáveis metodologicamente (MORAES, 2014).

Kropotkin foi um geógrafo que se preocupou com as questões físicas e sociais. Em suas viagens pelo Oriente, elaborou teorias sobre as estruturas de cadeias de montanhas e platôs da Ásia Oriental. Foi um dos colaboradores da Enciclopédia Britânica e foi convidado para assumir a Sociedade Geográfica Russa, porém recusou o convite por entender que havia um trabalho maior a ser feito, lutar por uma sociedade mais justa. Em 1878, funda o jornal que virá a se tornar um dos mais prestigiados jornais anarquistas, o Jornal *Le Révolté*. Alguns artigos deste jornal foram capítulos de seus principais livros, como “A conquista do Pão” e “Palavras de um Revoltado”.

Na obra “A Conquista do Pão”, publicado em Paris no ano de 1892, é onde Kropotkin desenvolve mais explicitamente a teoria do anarquismo comunista e a defesa do bem-estar para todos. Ele pontuou, nas suas análises histórico-geográficas que toda riqueza produzida seja material ou intelectual, é fruto do trabalho alheio, um conjunto de ações do presente e do passado, e defende que tal herança seja coletiva, baseando-se na premissa de Proudhon, que toda a herança da humanidade é coletiva. O autor desenvolve temas da vida cotidiana e problemas sociais, com elucidações pensadas em uma sociedade fundamentada no bem-estar e não no lucro. O bem-estar deveria ser de acordo com a necessidade de cada indivíduo. Na passagem da sociedade capitalista para a sociedade anarquista, ou seja, durante a revolução, deveriam ser garantidas a alimentação e moradia aos trabalhadores, “pão,

carne e leite, esses três produtos que depois da habitação formam a preocupação principal, cotidiana, dos nove décimos da humanidade” (KROPOTKIN, 2011, p. 184).

Valorizava as comunas livres como experiências bem-sucedidas de auto-organização e autogestão, sendo que estas comunas não seriam impostas por um governo e sim por uma união voluntária: “pela união das outras comunas produzem uma rede de cooperação que substitui o Estado” (WOODCOCK, 2002, p. 233). A revolução das comunas não se tratava de um saudosismo à comuna medieval, mas sim da construção de uma nova comuna que “deve destruir o Estado e substituí-lo pela federação” (KROPOTKIN, 2011, p. 93). Neste processo, Kropotkin mostra atenção para as relações “cidade-província”, para que as cidades não fiquem desabastecidas (KROPOTKIN, 2011, p. 53). O que Kropotkin, entre 1880 e 1882, chamava de federação de comunas, na década de 1930 veio a ser chamado de rede urbana. As comunas independentes, libertas da tutela do Estado, poderão ser o meio necessário à revolução.

Havia uma preocupação do autor em pensar de forma interdisciplinar, não limitando seus estudos apenas às questões do âmbito social. Elaborou uma teoria sobre as estruturas e cadeias de montanhas e platôs na Ásia oriental, que revolucionou os conceitos existentes sobre a orografia eurasiática, fato que ajudou a explicar as invasões bárbaras em função da fuga do povo da Ásia Oriental da grande seca em direção ao Ocidente, provocando uma reação em cadeia (Woodcock, 2010). Sobre a Geografia, P. Kropotkin, afirmou que:

A Geografia deve ser em primeiro lugar, um estudo das leis que modificam a superfície terrestre: as leis que determinam o crescimento e desaparecimento dos continentes, suas configurações passadas e presente (...). A Geografia deve, em segundo lugar, estudar as consequências da distribuição dos continentes e mares, das elevações e depressões, dos efeitos da penetração do mar e das grandes massas de água no clima. Ela deve ainda explicar a distribuição geográfica dos seres vivos, animais e vegetais. E a quarta função da Geografia refere-se aos grupos humanos sobre a superfície da Terra. Suas distribuições, seus traços distintos, a distribuição geográfica das etnias, dos credos, dos costumes, das formas de propriedade e as relações disso tudo com o meio ambiente (...). O ensino da Geografia deve perseguir um triplo objetivo. Deve despertar nos alunos a afeição pela natureza. Deve ensinar-lhes que todos os seres humanos são irmãos qualquer que seja a sua nacionalidade ou a sua 'raça'. E deve inculcar o respeito pelas culturas ditas 'inferiores'. (KROPOTKIN, 1885, p. 26)

Kropotkin acreditava que Geografia é uma disciplina de campo fértil, com amplitude para desmistificar ideias imperialistas que justificavam explorações de outros povos através de teorias

deterministas e racistas. No livro “Palavras de um Revoltado”, publicado com a contribuição de Èlisée Reclus em 1885, no qual trata da incapacidade dos governos revolucionários e faz uma crítica às burocracias socialistas, “basta de leis, basta de juízes! A liberdade, a igualdade e a prática da solidariedade são o único dique eficaz que podemos opor aos instintos antissociais de alguns de nós” (KROPOTKIN, 2005, p. 11). Nesta obra, os autores tratam também a questão da educação geográfica que deveria provocar a reflexão, a crítica, ser entendida enquanto ciência que auxilia a compreensão de outras culturas e uma relação harmônica entre ser humano e a natureza, e não apenas decorativa, destrutiva e descritiva. Pioneiros ao destacar e ressaltar a importância da geografia escolar, o autor afirma que:

O papel da geografia na escola elementar é motivar a criança pelo grande fenômeno da natureza, despertando o desejo de conhecer e explicar. A geografia deve prestar, além disso, um serviço ainda mais importante, que é o de nos ensinar (...) que todos nós somos irmãos qualquer que seja a nossa nacionalidade (...). A geografia deve contrabalançar a influência hostil dos preconceitos e criar outros sentimentos mais humanísticos. Ela deve mostrar que cada nacionalidade trouxe a sua própria contribuição para o desenvolvimento geral da humanidade e que somente uma pequena parte de cada nação está interessada em manter as hostilidades e os preconceitos. (KROPOTKIN, 2005, p. 30)

A difusão das suas teorias continua extremamente necessárias e atuais, e sua importância criam um canal de comunicação, de teoria e de pensamento, que pouco se têm acesso. Ao colocarmos algumas de suas premissas, pretendemos resgatar suas ideias para ampliar e contribuir com o debate social e geográfico contemporâneo.

Piotr Kropotkin, foi um pensador que se debruçou em desenvolver a teoria do comunismo libertário/anarco-comunismo, defendeu as ideias de “não-governo”, das autonomias locais, ajuda mútua e a cooperação entre os indivíduos em busca de uma emancipação humana, o espaço seria o produto do desenvolvimento histórico desses processos. No ano de 1917, voltou à Rússia para colaborar com o processo revolucionário, na escalada dos bolcheviques ao poder através de um golpe de Estado. Kropotkin foi crítico acerca desta forma de condução de um processo revolucionário, o que fez romper com o processo – em coerência com seus ideais e com sua longa crítica a qualquer governo, mesmo revolucionário. Morto em 8 de fevereiro de 1921, teve seu funeral em 13 de fevereiro como o último ato público de anarquistas durante a Revolução Russa.

AS MANIFESTAÇÕES EM MUROS E AS SUAS CONEXÕES COM AS TEORIAS LIBERTÁRIAS

Mesmo com as diversas transformações do mundo moderno, é possível perceber que os princípios libertários do século XIX e XX, continuam a fascinar e reverberar na luta por melhores condições de vida e de trabalho. O enfoque aqui explorado para análise são as manifestações nos muros que disseminam ideais anarquistas, as quais despertam contestações e insurgências. O contexto contemporâneo do surgimento da arte socialmente engajada e que se apropria dos espaços públicos, tem sua gênese nas décadas de 1960 e 1970. É nesse período que emergem movimentos de contracultura marcados por reivindicações sociais e culturais em todo o mundo ocidental, como o Movimento *Hippie*, o Movimento *Hip-Hop*, os *Black Panthers*, nos Estados Unidos; revoltas estudantis como o Movimento de 1968 na França; a Revolução Cubana, em Cuba. No Brasil, a Ditadura Militar, marca radicalmente a cultura e a arte nacional (CAMPEBELL, 2016). É também nesse período que as teorias anarquistas ressurgem com mais vigor no pós-segunda Guerra Mundial, concomitante ao surgimento das manifestações que utilizam principalmente o *spray* em muros e nos trens de metrô em Nova York, conhecido posteriormente como *graffiti*, o elemento das artes visuais do Movimento *Hip-Hop*.

Na busca pela visibilidade dos problemas sociais e econômicos que grassavam os bairros de baixa renda (Bronx, Harlem, Broklin e os guetos de Nova York), jovens negros(as) e latinos(as) habitantes desses bairros, saíam às ruas e usaram a autoexpressão como válvula de escape contra a criminalidade e a violência. Essas ações artísticas críticas demarcavam territórios, reivindicando a participação na paisagem urbana, uma maneira de demonstrar insatisfação como também lazer entre os jovens. No Brasil os primeiros registros de manifestações em muros com cunho político surgiram na década de 1960, como uma das formas de manifestações contra a ditadura militar, nos diversos movimentos estudantis com frases de protestos como a mais conhecida “Abaixo a Ditadura”.

A essência do *graffiti* é a apropriação do espaço urbano de maneira ilegal, e atualmente há uma diversidade estética e com isso diferentes nomenclaturas (*pixo*³, *graffiti*, *lambe-lambe*⁴, *stencil*⁵).

³ Pixo com ‘x’, e não ‘ch’, como forma de respeitar o modo como os pixadores escrevem e designam o movimento da pichação. “Esse modo particular de grafar é apontado por alguns pixadores como uma maneira de diferenciar-se do sentido comum atribuído à norma culta da língua: pichação.

⁴ O lambe-lambe, diferente do graffiti feito com *spray*, é a arte de colar cartazes/posters nas ruas, surgiu no final do século XIX com o advento da indústria de impressão em massa (imprensa), o que possibilitou a criação de uma nova mídia: o poster/cartaz. Pós-segunda Guerra Mundial surgem os posters de protestos, parte do movimento da contra-cultura.

⁵ O stencil utiliza a técnica de um molde vazado/recordado usado como matriz negativa para produzir letras ou desenhos em uma determinada superfície.

Essas manifestações urbanas que não utilizam apenas palavras e desenhos como linguagens, são intervenções criativas que sempre variam a forma de atuação, o suporte de aplicação e o modo de expressão, sendo pensadas como experiências que provocam, no mínimo, questionamentos referentes à reivindicação do uso e apropriação do espaço público.

Trata-se de ações artísticas críticas na cidade contemporânea que buscam usar, ocupar e se apropriar do espaço urbano para construir e propor outras experiências visuais e, assim, interferências no cotidiano. Ações que buscam um escape da hegemonia das imagens consensuais, e até mesmo democratização da arte contemporânea. Para a maioria dos libertários, a arte deveria ser engajada ou comprometida, ou seja, estar a serviço da emancipação de homens e mulheres, convertendo-se em um instrumento para esforço da libertação: arte para o povo e pelo povo (MARTINS, 2014). Assim considerada, a arte “ganhou o estatuto de ‘forma de ação’, instrumento de luta, arma de combate (MARTINS, 2014).

Alguns anarquistas por entenderem a relação entre arte e vida, defendem que a arte deve ter como função a crítica política e social. Proudhon militou “*en favor de uma arte ‘em situación’, espontâneo, función del momento y del lugar*”, defendendo que “*lo que importa es el acto creador, más que la obra em si*” (MARTINS, 2014). Sobre o compromisso social da arte e do artista, no texto conferido aos jovens, Kropotkin, afirmou que:

Não podereis mais continuais neutro; vereis junta-vos aos oprimidos, pois sabes que o belo, a sublime, a vida enfim, estão do lado daqueles que lutam pela luz, pela humanidade, pela justiça! [...] a arte sem ideia revolucionária, só pode degenerar. [...] Vós poetas, pintores, escultores, músicos, se compreendesses vossa verdadeira missão e os próprios interesses da arte, vinde, então, colocar vossa caneta, vosso pincel, vosso buril, em favor da revolução. Contai-nos em vosso estilo figurado ou em vossos quadros surpreendentes as lutas titânicas dos povos contra seus opressores; inflamai os jovens corações com esse belo sopro revolucionário que inspirava nossos ancestrais. (Kropotkin, 2005, p. 62)

O Estado sempre foi tido como um dos inimigos dos anarquistas, assim como qualquer autoridade, pois a igualdade só é possível existir na liberdade plena. Livre de padrões, governantes, obediências, o povo poderia organizar-se e participar da construção da sua vida social.

A parte do povo na revolução deve ser positiva, ao mesmo tempo que destrutiva, pois somente ele pode reorganizar a sociedade em bases de igualdade e liberdade para todos. Entregar essa tarefa a outros seria trair a

própria causa da revolução(...). Um povo que souber organizar, por si, o consumo das riquezas e sua reprodução no interesse de toda a sociedade, não poderá mais ser governado(...). A verdadeira razão de ser de uma revolução popular é demolir o Estado, necessariamente hierárquico, para buscar em seu lugar o livre entendimento entre indivíduos e grupos, a federação livre e temporária. O povo tentou várias vezes entrar nas esferas do Estado, apoderar-se dele, servir-se dele. Jamais conseguiu. (Kropotkin, 2007, p. 102)

Assim, a Imagem 01, representa a organização dos peixes menores, que pode ser entendido como as minorias, quando juntas tornam-se maiores que o “rei” (que pode ser interpretada como o Estado e/ou a burguesia). Essa ordem popular, na perspectiva anarquista, uma ação coletiva na tomada de todos os meios de produção pelos (as) trabalhadores(as), que seria necessário para a Revolução Social. Para que essa audácia de pensamento viesse a emergir, era preciso uma educação libertária.



Imagem 01: Organize! – Fonte: acervo pessoal da autora

O projeto de uma sociedade baseada na igualdade e na justiça é um dos ideais anarquistas (estes ideais são totalmente avessos ao capitalismo). Os anarquistas também fizeram críticas ao socialismo autoritário, afirmando que resultaria em uma ditadura por defender interesses dos burocratas. Pensando em termos de divisões partidárias, fica evidente que, para os anarquistas, a estrutura política atual em nada ajudaria no avanço para uma revolução social ou uma sociedade igualitária. Nesse sentido, a Imagem 02, onde vemos Rafael Braga⁶, protagonista de uma história repleta de injustiças e opressões, ao lado da frase “Você só olha da esquerda para direita, o Estado te esmaga de cima para baixo!”, questiona e expõe o Estado e sua estrutura de opressões e explorações, que independe do partido político que o ocupar.

⁶ Rafael Braga, é um jovem negro, que se tornou símbolo da seletividade penal e do racismo institucional no Brasil, quando foi preso portando dois frascos de desinfetante e água sanitária, em meio ao protesto de junho de 2013.

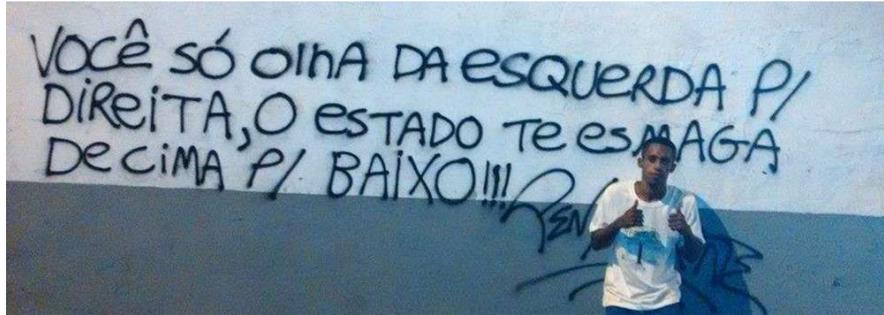


Imagem 02: “Você só olha da esquerda para direita, o Estado te esmaga de cima para baixo!” Fonte: anonymousbr4sil

O movimento libertário continua ativo das mais diversas formas. As manifestações em muros, por vezes, apropriados de maneira transgressora com mensagens políticas, são representações criativas das novas gerações que através dessas intervenções propagam ideias que dialogam com as teorias dos geógrafos anarquistas aqui tratados Élisée Reclus e Piotr Kropotkin. Diante do cenário atual é urgente a construção de uma práxis pautada na liberdade, de propostas de outros modos de organização social e ações que, para além de projetar, ressignifiquem e transformem o presente. Acreditamos ser esse um dos mais honrosos méritos do movimento libertário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Geografia Libertária, por não estar vinculada à perspectiva teórica que defende a existência do Estado e se apresentar como uma nova maneira de fazer Geografia, se manteve pouco visível ao longo dos anos. Este processo de invisibilização não é diferente em outras ciências quando se trata do debate anarquista, contudo, devido à necessidade de compreender melhor os limites postos pela conjuntura atual, o artigo tem como intensão demonstrar a necessidade de consultar as contribuições teóricas e as práticas libertárias, como um suporte para pensar a sociedade, os movimentos sociais, as classes sociais e o espaço geográfico. Ela nos dá base para pensar questões relacionadas à raça e ao gênero, tendo em vista que estas teorias pautam o fim das explorações, opressões e imposições do Estado.

Quando analisamos as obras dos autores aqui trabalhados, notamos como é importante não dissociarmos o espaço e a política, e como para os anarquistas o espaço é importante, sobretudo em sua relação com a história, da mesma forma que a ciência é colocada como um campo de possibilidade para a transformação social, desde que ela se comprometa com as modificações sociais e suas estratégias. O que se pode aprender com autores como Reclus e Kropotkin é como a Geografia é

importante para a compreensão da sociedade e o espaço geográfico é uma das bases de transformação para o fim das desigualdades, tendo em vista que é nele que as relações sociais se materializam.

O genocídio da população negra, o feminicídio, o epistemicídio, são fenômenos que estão presentes no espaço, mas que muitas vezes são ignorados por geógrafos, ou colocados no rol das pautas indidentárias e trabalhadas como um bloco uno e indiferente ao espaço. Os movimentos sociais, os ativismos, as atividades que subvertem o Estado e que, não raro, são concebidos como um comportamento-exceção, a partir da Geografia Libertária pode tomar um corpo e ser notada como uma insurgência, uma ação que pode, ao longo do tempo, ser elementar na concepção de um espaço que se contrapõe aos direcionamentos baseados nas regras que dão manutenção as classes sociais.

Atualmente no Brasil o geógrafo Marcelo Lopes de Souza, desenvolve trabalhos baseados principalmente no autor Cornelius Castoriadis. A sua pesquisa está relacionada aos ativismos e as resistências atuais, indo além da força de trabalho “formal”, como durante muito tempo foi feita a análise da Geografia Crítica, tendo em vista a sua base marxista. Um dos pontos mais importantes da sua análise é a forma de pensar os movimentos emancipatórios, percebendo que há uma práxis e nova valorização de práticas sociais insurgentes, com o desejo de superar a verticalidade imposta tanto pelas relações de classes, quanto pelo Estado, que, na prática, age como uma instituição de legitimação das relações de exploração. Nessa perspectiva, é necessário pensar na autonomia coletiva e individual de maneira dialética, sem que haja a sobreposição de um sobre o outro.

O espaço urbano é um alibi para nos apropriarmos dos fundamentos da Geografia Libertária, por sua efervescência e pela urgência de novos aportes teóricos que nos permitam conceber o que está acontecendo no agora, sem necessariamente precisarmos nos encaixar em gessos criados por uma Geografia historicamente formalizada, institucionalizada e que agrega mais instrumentos a uma sociedade apropriável do que a uma geografia das transformações sociais. Contudo, para isso, vale reafirmar a necessidade de um comprometimento político da(o) geógrafa (o) para com o que se propõe na teoria, senão cairemos mais uma vez em conceitos esvaziados de sentido.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Manuel Correia de. **Elisee Reclus**: Geografia. São Paulo: Editora Ática, 1985.
- CAMPELL, Brígida. **Arte para uma cidade sensível**. São Paulo: Invisíveis Produções, 2016.
- COSTA, Caio Túlio. **O que é anarquismo**. 15ª ed. Coleção Primeiros Passos, n. 5. São Paulo: Brasiliense, 1996.

DE MORAES, Wallace dos Santos. **Kropotkin**: história intelectual de um anarquista revolucionário. *Em Debate*, Florianópolis, n. 12, p. 64-86, dez. 2015. ISSN 1980-3532. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emdebate/article/view/1980-3532.2014n12p64/30799>>. Acesso em: 29 janeiro 2020.

DUARTE, Regina Horta. **Natureza e sociedade, evolução e revolução**: a geografia libertária de Elisée Reclus. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 26, n 51, p. 11-24. 2006.

GOMES, Pedro do Nascimento. **Elisée Reclus**: Por uma nova geografia libertária. Disponível em: <<https://enhpgii.files.wordpress.com/2009/10/pedro-nascimento-gomes.pdf> > Acesso em 20 de janeiro de 2020.

KROPOTKIN, P. **Palavras de um revoltado**; tradução: Plínio Augusto Coelho. – São Paulo: Imaginário Ed., 2005.

KROPOTKIN, Piotr. **A conquista do pão**. 2ª ed. revista. Rio de Janeiro: Achiamé, 2011.

KROPOTKIN, Piotr. **Anarquismo**. Enciclopédia Britânica, 1910.

KROPOTKIN, Piotr. O que a geografia deveria ser. In: RECLUS, Elisée. KROPOTKIN, Piotr. **Escrito sobre educação e geografia**. Biblioteca terra livre (Org.). São Paulo, 2011

KROPOTKIN, Piotr. **Os princípios anarquistas e outros ensaios**. São Paulo: Hedra, 2007.

MANOLO. **Os anarquistas e a geografia urbana**: Kropotkin. Disponível em: <<https://passapalavra.info/2014/11/101093/>> Acesso em 15 de janeiro de 2020.

MANOLO. **Os anarquistas e a geografia urbana**: Reclus. Disponível em: <<https://passapalavra.info/2014/11/101106/>> Acesso em 15 de janeiro de 2020.

MARTINS, A. M. R. ; **A rebeldia e a arte dos 'malditos' anarquistas**. *Revista Concinnitas*, Rio de Janeiro, v. 1, p. 1-27, 2014.

RECLUS, Èlisée. A Natureza da Geografia. In: ANDRADE, Manuel Correia de. **Elisee Reclus**: Geografia. São Paulo: Editora Ática, 1985. Cap. I.

RECLUS, Èlisée. A Origem da Família, do Estado e da Propriedade. In: ANDRADE, Manuel Correia de. **Elisee Reclus**: Geografia. São Paulo: Editora Ática, 1985. Cap. II.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: EDUSP, 2012.

SOUZA, Marcelo Lopes. **Geografia**: A hora e a vez do pensamento libertário. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/37336>> Acesso em 12 de janeiro de 2020.

SOUZA, Marcelo Lopes. **Uma Geografia marginal e sua atualidade**: A linhagem libertária. Disponível em: <<https://territorioautonomo.files.wordpress.com/2010/10/uma-geografia-marginal-e-sua-atualidade2.pdf>> Acesso em: 20 de abril de 2020.

SPRINGER, SIMON. **Geografias anarquistas: uma breve genealogia**. *Revista verve*, n.30: p. 158-192. 2016

WOODCOCK, George. **História das ideias e movimentos anarquistas** - Vol. 1 A ideia. Tradução de Júlia Tettamanzy. Porto Alegre: L&PM, 2002.